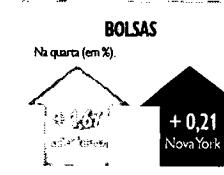


ECONOMIA

*1 JUL 2004

Economia Brasil



BOLSAS

Na quarta (em %)

+ 0,21

Nova York

Índice da Bovespa

de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)

20.708 21.148

24/6 25/6 26/6 27/6 28/6

C-BOND

Título da dívida externa brasileira, na quarta

0,92
(▲ 0,75%)

DÓLAR

Comercial, venda, quarta-feira (em R\$)

3,087
(▼ 0,68%)

EURO

Turismo, venda (em R\$)

OURO

Oração na Comex de Nova York (em US\$)

3,887
(▲ 1,04%)

CDB

Preço médio, 30 dias (em % ao ano)

15,66
(▲ 0,28%)

INFLAÇÃO

IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2004	0,76
Fevereiro/2004	0,61
Março/2004	0,47
Abril/2004	0,41
Mai/2004	0,51

BRASÍLIA, QUINTA-FEIRA, 1 DE JULHO DE 2004
Subeditores: Carlos Alberto Jr., Maisa Moura e Sandro Silveira
Tel. 214-1148
e-mail negócios@correio.com.br

POLÍTICA ECONÔMICA

Taxa básica dificilmente baixará este ano no Brasil, conforme mostra cenário econômico preparado no Banco Central. Inflação está sob controle, mas acima da meta estabelecida pelo Conselho Monetário

Juros resistentes

52

VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

Se depender do cenário traçado pelo Banco Central, a taxa básica de juros (Selic), que está em 16% ao ano, não cairá até o final de 2004. Durante a divulgação, ontem, do relatório trimestral de inflação, o diretor de Política Econômica do BC, Afonso Beviláqua, afirmou que a inflação deste ano deverá ficar em 6,4%, acima, portanto, do centro da meta de 5,5% definida pela Conselho Monetário Nacional (CMN).

A nova estimativa de inflação foi feita levando em conta a manutenção do preço do dólar em R\$ 3,10 e a Selic, em 16%. "Se quiser baixar os juros, o BC terá que aceitar uma inflação maior. Não há outra leitura a ser feita dos números divulgados ontem", disse Cristina Müller, sócia-diretora da RCW Asset Management.

O diretor do BC preferiu, no entanto, não endossar essa visão. Para ele, ainda há chances de o cenário externo, que tem sido o principal motivo para a alta da inflação no país, melhorar nos próximos meses, contendo os aumentos de preços. "Ainda temos seis meses pela frente. E não podemos afirmar que a volatilidade de curto prazo vá se estender por um período mais longo", afirmou. Segundo Beviláqua, a confiança do BC em uma melhora no cenário externo decorre do recuo dos preços do petróleo e da definição da gradualidade no reajuste das taxas de juros nos Estados Unidos.

O aumento das projeções de inflação para este ano não deve, porém, ser interpretado como um sinal de descontrole dos preços. Tanto que, nos 12 meses terminados em maio último, a inflação ficou em 5,15%, o menor nível desde 1999. Na avaliação do diretor do BC, as pressões atuais sobre a infla-

ção são temporárias e localizadas.

De qualquer forma, ele admitiu que o BC está preocupado em não deixar que as expectativas de alta de preços no curto prazo acabem contaminando o médio e longo prazos. É por isso que o Comitê de Política Monetária (Copom) tem sido tão conservador — há dois meses a Selic está estacionada nos 16%. A credibilidade das políticas do BC é muito importante para guiar as expectativas

futuras do agentes econômicos.

Margem curta

Para 2005, as projeções do BC são um pouco mais otimistas. Pelo cenário de referência, que considera apenas as estimativas do banco, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), usado como referência para as metas inflacionárias, ficará em 4,4%, ligeiramente abaixo do centro da meta, de 4,5%. Já no cenário de

mercado, que leva em conta as projeções de instituições financeiras, a inflação do ano que vem será de 5,4%. "Em ambos os cenários, no entanto, a margem de manobra do BC para novos cortes de juros continua aberta", destacou Cristina Müller.

Segundo Beviláqua, apesar dos riscos de curto prazo — que se tornaram maiores devido aos problemas climáticos que estão pressionando os preços de pro-

dutos agrícolas —, o BC acredita que a inflação deste ano ficará dentro da banda de flutuação da meta, de 2,5 pontos para cima ou para baixo. Ou seja, o IPCA tem espaço para atingir até 8%. "O sistema de metas é flexível para acmodar desvios de curto prazo", disse o diretor do BC. "E o papel da política monetária é fazer com que a inflação, ao longo do tempo, acabe convergindo para o centro da meta", emendou.

Investimento ainda é baixo

Apesar de todos os indicadores apontarem a recuperação da indústria e do consumo, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) dificilmente passará dos 3,5% neste ano. O motivo, segundo o Banco Central, é o ainda baixo volume de investimentos da economia. "Não há dúvidas de que, na margem, os investimentos produtivos estão crescendo há três trimestres consecutivos, mas continuam aquém dos níveis históricos do país", disse o diretor de Política Econômica do BC, Afonso Beviláqua.

Ele reconheceu, no entanto, que para os investimentos darem um salto mais expressivo e garantirem um aumento mais pujante do PIB potencial, será preciso melhorar o ambiente de negócios no país. Nesse caso é preciso manter a estabilidade macroeconômica e definir regras estáveis para o capital. "Os investimentos gostam de ambientes estáveis e previsíveis", ressaltou.

No início do ano passado, o governo apostava que os investimentos alcançariam 22% do PIB já nos primeiros meses de 2004. A taxa atual, divulgada nesta semana pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), está, porém, em 19,3% do PIB.

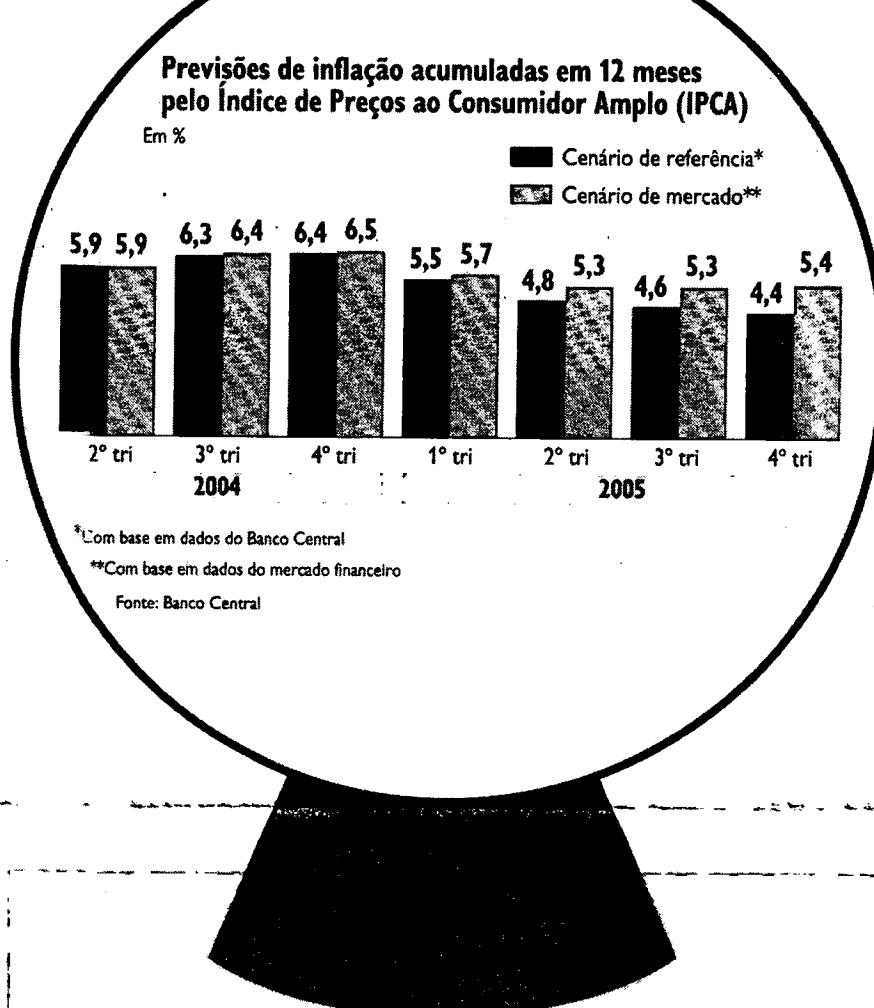
Sem desânimo

Essas limitações não desanimam Beviláqua. Ele diz que a recuperação econômica do país é consistente. E, pela primeira vez, em muitos anos, o crescimento está se dando com saldo positivo nas contas externas e com a inflação sob controle. A seu ver, é importante ressaltar ainda que a demanda doméstica — que andava no chão — está sendo a principal locomotiva da economia, a despeito de as exportações caminharem a passos largos, devendo fechar o ano em US\$ 83 bilhões, com incremento de 14% frente a 2003.

"O aquecimento do mercado interno está se dando por meio da recomposição da renda dos trabalhadores e da melhora substancial no mercado de trabalho", assinalou Beviláqua. Segundo o relatório de inflação divulgado ontem pelo BC, o número de vagas formais de emprego aumentou 3,5% nos primeiros quatro meses do ano. Somente a indústria criou 189 mil postos de trabalho. As maiores contratações foram feitas pelos setores de borracha, fumo, couro, alimentos, bebidas e têxtil.

Beviláqua chamou a atenção para o fato de 64% das 535 mil vagas criadas entre janeiro e abril terem sido registradas fora das regiões metropolitanas do país. "Há uma nova dinâmica no mercado de trabalho, com os empregos migrando para o interior", disse. (VN)

AS PROJEÇÕES DO BC



IPCA

Decomposição da inflação acumulada em doze meses
Em %

